

Novos tempos da mobilidade transfronteiriça nos contextos de desenvolvimento regional

Helion Póvoa Neto (IPPUR-UFRJ)

Isis do Mar Marques Martins (IPPUR-UFRJ)

RESUMO GERAL

O conceito e as perspectivas de fronteira sofrem desafios atualmente frente ao discurso do global e a consequente flexibilidade associada a este. Na realidade, simultaneamente aos movimentos de abertura, mais restritas e hierarquizadas as fronteiras ficam. A grande diferença é que as fronteiras não são mais legitimadas fisicamente, materialmente, mas percorridas de agenciamentos entre sociedade, Estado, mercado, mídia dentre outros agentes espaciais. Podemos estabelecer três dimensões de fronteira: política, econômica e cultural, podendo ser estabelecidas no âmbito jurídico e normativo como também de maneira indireta, por instituições que não são o Estado. Nessa perspectiva, ao vincular a questão do desenvolvimento político, social e econômico nas diversas escalas espaciais, a fronteira é ratificada como política de apoio a iniciativas que muitas vezes restringem a mobilidade e o acesso e corrobora o discurso que defende coibir a mobilidade. A mobilidade aqui é tratada tanto como trânsito quanto como processo que interage com os diversos agentes envolvidos, que complexifica a interação entre mobilidade e fronteira, sobretudo mobilidade na fronteira. O caso do Brasil é paradigmático pela sua extensão e pela promoção de políticas apoiadas às rodadas de neoliberalização que convém à perspectiva flexibilizadora os limites e fronteiras nos circuitos do grande capital, mas suprime as iniciativas locais ou os acessos onde não se estabelecem interesses políticos e econômicos. A proposta desta sessão portanto é discutir pluralmente algumas perspectivas de impacto regional que se aliam a processos e políticas de fronteira no contexto dos interesses dessa ideia de desenvolvimento, seguindo a delimitação do Ministério da Integração Nacional nos anos 2000 que determinam a faixa de fronteira no país em arcos – norte, centro e sul numa extensão de 150 quilômetros, a partir de cinco olhares/escalas: No chamado arco Norte, seus conflitos e na produção de diversos agenciamentos; no arco Centro, sua diversidade e os embates gerados tanto pelas diversas dimensões de fronteira que se instauram quanto nas políticas produzidas pelos seus diversos agentes; no arco Sul, principalmente nas interações dos movimentos de fronteira que abraçam estratégias de mobilidade e a atuação do Estado sobre essas ações; no contexto global em que surgem novas políticas de fronteira; e nas medidas vigentes no continente americano que geram restrições ou que promovem a criminalização de práticas contra-hegemônicas. A proposta assim não é somente uma tentativa de aplicar perspectivas teórico-metodológicas ao conceito de fronteira, mas um exercício de reflexão à realidade vivenciada e pluralmente agenciada pelos diversos sujeitos que mobilizam e se mobilizam na fronteira e articulam

politicamente tal espaço, e as questões levantadas são nos impactos das políticas públicas interagirem a esses processos e se efetivam – ou não – a ação diversa destes.

AS FRONTEIRAS NO CONTEXTO GLOBAL- LOCAL E SUAS TRANSFORMAÇÕES VIA POLÍTICAS DE MIGRAÇÃO

Helion Póvoa Neto (IPPUR - UFRJ)

Lidamos com a tensão entre o entendimento das fronteiras como zona de contato mas, também, como limites balizadores da soberania nacional, ocasionando diversas ambiguidades, às quais não está imune o Brasil.

A necessária porosidade aos deslocamentos migratórios, mas também ao papel que necessitam desempenhar no processamento de fluxos econômicos e trânsitos culturais, convive com o papel geopolítico atribuído à fronteira. Atuando como “filtro” distinguindo entre movimentos a serem permitidos ou incentivados, e processos tidos como “invasivos” ou prejudiciais á soberania e identidade nacionais, o controle fronteiriço está sempre sujeito a contestações, pendente de reformulações e imerso no grande movimento da história.

Considerando as migrações no seu papel de canalizadoras de braços e cérebros ao mercado internacional de força de trabalho, de agentes constitutivos das identidades nacionais, de elementos de perturbação securitária, mas também como sinalizadoras de horizontes aos que buscam superar condições de vida arriscadas ou insatisfatórias, cabe destacar a questão fronteiriça.

O fenômeno recente da chegada de grupos étnicos e nacionais que fogem á experiência histórica brasileira vem ocasionando tensões e mesmo conflitos, representando um desafio ao Estado brasileiro, bem como aos direitos de migrantes, refugiados e dos demais que se deslocam habitualmente através da fronteira internacional.

MUROS E FRONTEIRAS DE INSEGURANÇA: O ARCO CENTRO E AS TRANSTERRITORIALIDADES INDÍGENAS E MIGRANTES

Marcos Mondardo (UFGD)

A fronteira Brasil-Paraguai apresenta um conflito territorial no encontro não raro violento entre três grupos sociais. Os migrantes paraguaios sujeitos a trabalhos subalternos e que reconstruem sua identidade territorial sob outras bases no Brasil; o povo Guarani

Kaiowá que resiste na manutenção dos territórios tradicionais; e os “gaúchos” que na esteira da “modernização agrícola” apropriam-se da terra através das monoculturas mercado internacional. Vemos assim a fronteira via territorialidades em trânsito, grupos sociais que transitam pelos dois lados do limite estatal para a reprodução da vida. Ora a fronteira é oportunidade, ora um estranhamento e uma necessidade de transposição ora como um espaço a ser controlado e submetido a uma lógica externa. Disso, o conflito territorial expresso nas diferentes lógicas de apropriação da terra e do território são mote da construção de um discurso de in-segurança e da suposta necessidade do aumento da securitização da fronteira.

AS FRONTEIRAS E OS DIÁSPORAS: SUBJETIVIDADES E POLÍTICAS MIGRANTES NO ARCO NORTE

Handerson Joseph (UNIFAP)

A maior parte dos novos fluxos migratórios recentes no Brasil tem ocorrido no denominado arco Norte da faixa de fronteira, principalmente a chegada de migrantes caribenhos, africanos, venezuelanos, equatorianos, colombianos, chineses, bolivianos e peruanos. Ao mesmo tempo que é sentido o peso das práticas e discursos hostis na chegada de grupos em que a sua maioria é de migrantes pobres em busca de mais oportunidades, velhos e novos embates políticos são postos à prova.

Ficam claras as ações e políticas de fronteira fragilizadas e que optam pela noção de segurança e securitização, perpassando toda a sociedade e criando heranças desde as primeiras políticas de migração no Brasil. Alia-se também o fato do Arco Norte ser considerado ainda como “vazio”, sem ser compreendido em sua diversidade de grupos e movimentos presentes nessa fronteira.

POLÍTICAS DE FRONTEIRA E FRONTEIRAS POLÍTICAS NO ARCO SUL

Adriana Dorfman (UFRGS)

A regulação do fluxo de mercadorias versus o controle da mobilidade de pessoas na fronteira sul do Brasil é o eixo central da intervenção. Abordaremos dinâmicas econômicas, sociais, culturais e simbólicas, bem como políticas, legislações e gestões estatais na região transfronteiriça Brasil-Argentina-Uruguaí para falar do duplo movimento relativa abertura-relativo fechamento de fronteiras. Diante do exposto, a securitização da fronteira será problematizada com destaque para os agentes promotores, os grupos beneficiados e os grupos prejudicados por tal aumento de vigilância.

POLÍTICAS DE FRONTEIRA, POLÍTICAS DE MIGRANTES: OS AGENCIAMENTOS DO ESTADO E AS ESTRATÉGIAS DE MOBILIDADE E PERMANÊNCIA

Isis do Mar Marques Martins (IPPUR-UFRJ/PNPD-CAPES)

É fundamental problematizar maniqueísmos como o que é irregular e o que é regular na imigração. De realidades diversas e conflitantes, o espaço, também migrante, torna-se fundamental para compreender o processo de formação das estratégias migrantes e de mobilidade. Os sonhos são também parte de um processo que gera o desejo de mobilizar-se.

Vemos hoje, em grande medida, o *enxertamento* de ideias que promovem uma “salvação do mundo”, amenizando problemas muitas vezes individuais e que não apontam em si mesmo alternativas que abraçam a qualidade de vida individual e coletiva dos seres humanos. O discurso de “invasão” de grupos imigrantes é um exemplo claro desse “salvacionismo”. A diversidade étnica em troca dos medos e receios do outro são o tom maior dos dispositivos de securitização da vida contemporânea.

A imigração, nesse sentido, envolve uma pluralidade de relações que permeiam os processos que sustentam a globalização do mundo atual. Quando muitas dessas alternativas “salvacionistas” impossibilitam a vivência compartilhada em grupos e comunidades, a experiência migrante é um meio – e processo – de mudança de um cenário de conflitos e tensionamentos que ameaça a identidade, a dignidade e a própria vida de uma sociedade ou de sujeitos.